

SOCORRO, CAÍ DENTRO DO VIDEOGAME

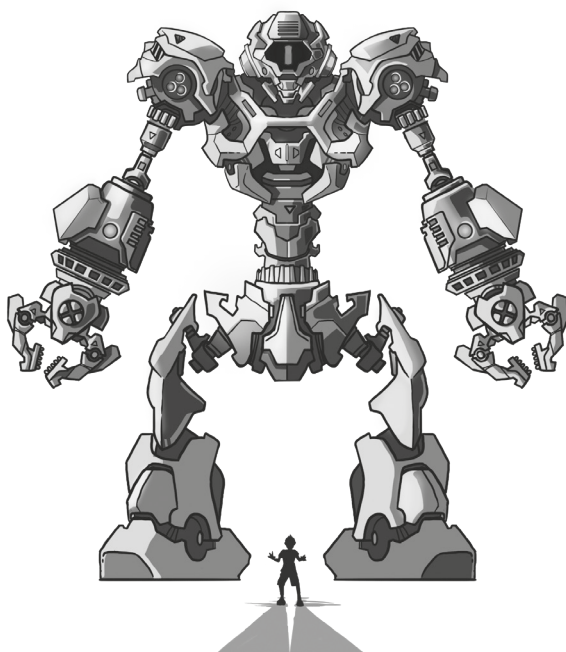
A REVOLTA DOS ROBÔS

DUSTIN BRADY



SOCORRO, CAÍ DENTRO DO VIDEOGAME

A REVOLTA DOS ROBÔS



DUSTIN BRADY
ILUSTRAÇÕES DE JESSE BRADY

TRADUÇÃO: ADRIANA KRAINSKI



Meu muito obrigado a Jesse Brady pela capa e pelas ilustrações deste livro. Você pode conhecer mais do belo trabalho dele em jessebradyart.com.

PREFÁCIO

Caso você tenha perdido

A série *Socorro, cá dentro do videogame* conta a história de Jesse Rigsby, um garoto da sexta série que — você não vai acreditar — caiu dentro de jogos de videogame. A primeira aventura dele acontece dentro de um jogo de ação chamado *Potência Máxima*, lá ele encontra seu amigo Eric Conrad e juntos eles lutam contra louva-a-deus gigantes, monstros de areia nervosos e um alienígena esquisitão conhecido como Hindenburg. Lá pela metade do jogo, eles encontram Mark Whitman, um colega de escola que tinha sumido na vida real há quase um mês. Acontece que ele estava o tempo todo preso dentro do *Potência Máxima*. Para ajudar a dupla a escapar, Mark se sacrifica e fica para trás.

Em *Socorro, cá dentro do videogame: Missão invisível*, Jesse tem a chance de resgatar o Mark. Para isso, ele precisa entrar escondido na empresa de videogames Bionosoft através do *Solte as feras*, um jogo de celular de realidade aumentada. Depois de sobreviver a ataques de um Pé-Grande, de um velociraptor e de algumas centenas de bolinhas de pelo malvadas, Jesse descobre

que a Bionosoft está prendendo garotos, como o Mark, nos jogos para testar um tipo de tecnologia assustadora. Com a ajuda de Eric e de um antigo funcionário da Bionosoft, o senhor Gregory, Jesse consegue chegar ao porão da empresa, onde o Mark está sendo mantido dentro de um computador. A boa notícia é que eles conseguem tirar o Mark do jogo. A má notícia é que eles precisam quebrar o sistema para isso, o que acaba trazendo para o mundo real tudo que existe dentro dos computadores da Bionosoft. E lá dentro, além dos garotos, havia armas e milhares e milhares de vilões de jogos de videogame.

Certo, é isso aí. Agora você já sabe o que aconteceu. Boa leitura!

mentirinha para o porão barulhento de uma empresa malvada de videogames do mundo real. Eu tampei os ouvidos, me apoiei em um computador e gritei para a única pessoa que podia dar um jeito naquilo:

— SENHOR GREGORY! FAZ ALGUMA COISA!

O senhor Gregory era meio que responsável por aquela confusão, primeiro por ter inventado um jeito de colocar as pessoas dentro daqueles videogames, e depois por ter quebrado a coisa toda para tentar tirar o nosso amigo Mark de um dos jogos. Um braço-canhão bateu no meu peito bem na hora que um louva-a-deus me viu.

— Toma aqui! — o senhor Gregory disse sem tirar o olho do computador. — Para você distraí-los enquanto eu tento cortar a energia!

Antes que eu pudesse lembrar o senhor Gregory que a minha pontaria era péssima, o louva-a-deus guinchou e pulou na minha direção. Eu enfiei meu braço no canhão, me joguei para trás e atirei no ar.

— SQUIIIIIIIIC!

O louva-a-deus desapareceu num clarão de luz. Eu me sentei e olhei em volta: confusão, uma tremenda confusão.

Depois de passado o susto inicial de serem transportados para o mundo real, os personagens dos videogames começaram a fazer o que faziam de melhor: destruir tudo o que viam. À minha direita, um rinoceronte com um chifre-espada comprido não parava de espetar os gabinetes dos computadores. À minha esquerda, duas criaturas gosmentas saídas de algum pântano estavam lutando. E, bem na minha frente, quatro

baratas gigantes estavam dando voltas em torno de alguma coisa. O círculo se abriu um pouco e consegui ver o que elas tinham capturado.

— ERIC! — eu gritei.

Meu melhor amigo, Eric Conrad, estava encolhido no chão, distribuindo chutes para todos os lados. Eu levantei e dei cinco tiros, errando todas as vezes.

— Ei! — Atirei de novo e finalmente consegui acertar uma das baratas. Todas viraram juntas. Eu atirei de novo. Acho que fiz uma besteira, porque assim que atirei, elas voaram bem na minha direção.

— AHHHHH! PÁ PÁ PÁ! AHHHHHH! PÁ PÁ PÁ.

Uma das baratas jogou meu detonador para longe e todas começaram a andar em círculos e zumbir. Eu tentei erguer os braços e gritar, do jeito que se deve fazer ao ver um urso, mas só serviu para elas se aproximarem ainda mais e zumbirem de um jeito ainda mais irritado, porque são baratas, não ursos. Uma delas começou a me apalpar com aquela antena comprida e nojenta. Era o fim: eu seria devorado vivo por uma barata gigante no porão de uma empresa de videogames. Meus pais não entenderiam nada.

ZAP!

A barata que estava me apalpando com a antena desapareceu de repente. As outras olharam para cima. Antes que pudessem se mexer — *ZAP! ZAP! ZAP!* — todas elas desapareceram. O Eric estava parado na minha frente, segurando um negócio que parecia o cetro do Loki — só que supertecnológico. Será que o Loki era um robô?

— Essa coisa acabou de brotar daquele computador ali! —
Eric gritou. — Vou levar pra casa!

— Cadê o Mark? — eu perguntei.

— Quê?!

Eu cheguei bem perto do ouvido do Eric.

— CADÊ O MARK?! — O som de *UIIIIIIIIII* estava tão alto que era quase impossível ouvir qualquer coisa que não fosse gritada no ouvido.

Eric encolheu os ombros, mas depois arregalou os olhos e apontou para algo atrás de mim.

Lá estava o Mark, debaixo de uma pilha de bolas de pelos do *Solte as feras*. A cada uma que ele espantava, outras duas pulavam em cima dele. Eric apontou o cetro e começou a vaporizar as bolas de pelo uma a uma. Depois de umas quatro ou cinco, Mark conseguiu se safar e sair de lá. Eu e Eric corremos na direção dele.

— Aguenta aí! — eu gritei.

Mark gritou alguma coisa em resposta, mas eu não consegui entender por causa da barulheira. Ele abaixou a cabeça e saiu correndo a toda velocidade por entre os gabinetes dos computadores. Depois de uns vinte segundos correndo, o Eric já tinha ficado para trás, enquanto eu e as bolas de pelo nos aproximávamos do Mark. De repente, Mark lançou uma bolinha de metal por cima do ombro. Eu desacelerei. O que...

BUM!

Todas as bolas de pelo desapareceram em um clarão ofuscante e eu caí de costas no chão com tanta força que fez uma rajada de vento do meu lado. Por um segundo, tudo ficou quieto.